

Visuais

Leda Catunda é a ponte entre a sua geração, dos anos 1980, e os jovens pintores, como prova sua mostra

Antonio Gonçalves Filho

Há 33 anos, quando Leda Catunda fez sua primeira exposição individual, seus contemporâneos estavam sintonizados com a onda neoexpressionista que marcou a pintura nos anos 1980. Ela, não. Seus interlocutores, na época, eram poucos: Sérgio Romagnolo, Leonilson e mais dois ou três nomes. Hoje, graças ao diálogo fácil com a nova geração, ela transita entre jovens artistas como a paulistana Ana Elisa Egreja, nascida em 1983, ano da primeira exposição de Leda, a mineira Ana Prata, três anos mais velha, e o carioca Rafael Alonso, também de 1983, o que faz de Leda Catunda a padroeira pop da novíssima geração, graças à abertura da artista para novas linguagens e sua tentativa de entender, de fato, o que está por trás da cultura de massa e da iconografia da web.

Na exposição *I Love You Baby*, que Leda abre hoje, 10, no Instituto Tomie Ohtake, estão expostos cerca de 80 trabalhos que cobrem o mais recente período de produção da artista (de 2003 em diante) e reafirmam sua ligação com o pop norte-americano – especialmente as “combines” de Rauschenberg, nas quais o artista texano empregava materiais pouco usuais em assemblages. No caso de Leda, essas “combines” têm uma ligação estreita com o artesanato, o que a aproximaria do pós-moderno Jeff Koons, associado à cultura pop e às referências ao cotidiano.

Mudança. A diferença é que, ao contrário de Koons, ela não vê o mundo com olhar paródico. “Koons é duchampiano, enquanto o repertório de Leda é pictórico”, observa o curador da exposição, Paulo Miyada, que a concebeu como mostra inaugural do projeto *Nossas Artistas*, criado pelo Instituto Tomie Ohtake para contar a história da arte brasileira por meio da produção de mulheres artis-



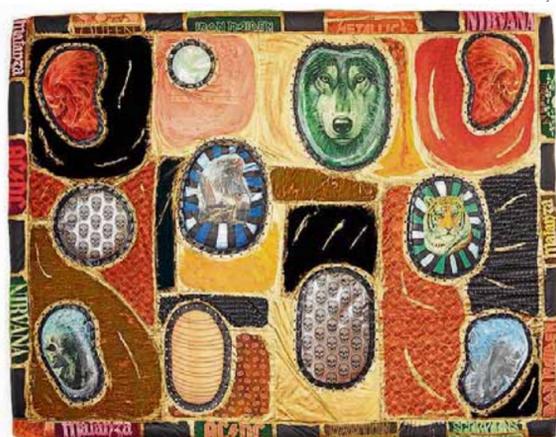
NILTON FUKUDA/ESTADÃO

Leda. Rauschenberg como referência e olho em Tarsila

Padroeira do pop



Artesanato. Desenho da renda nordestina inspirou 'collage'



FOTOS DIVULGAÇÃO

Rock. Citações a grupos como Metallica e caveiras góticas

tas, de Tarsila do Amaral a Ana Maria Maiolino.

Bichos exóticos. A modernista Tarsila do Amaral, lembra Leda Catunda, é outra referência de sua pintura, repleta de figuras enigmáticas que têm algum parentesco com os bichos exóticos da criadora do *Abaporu*. Eles se espalham por toda a mostra, em especial nas gravuras expostas à direita da porta de entrada.

A pintura atual, analisa a autora, “é quase uma negação daque-

la dos anos 1980”. Leda prefere a palavra “tingimento” para se referir aos objetos que cria com molduras almofadadas de manta acrílica e imagens do universo pop. Há na mostra desde pranchas de surfe até recortes de madeira que imitam renda nordestina. “O raciocínio é de collage”, define, assumindo seu lado Kurt Schwitters, o protopop alemão que revolucionou a arte entre os anos 1920 e 1930 com suas colagens dadaístas.

As de Leda Catunda se aproximam da reciclagem poética de

Schwitters ao trabalhar com reverência signos da cultura de massa – anúncios, bichinhos fofos da internet, iconografia das bandas de rock, caveiras dos góticos e selfies. “Quero reforçar o caráter amoroso do fim do capitalismo, do consumo indiscriminado, essa obsessão por pertencer a um grupo.” Ela chegou a dar aulas de pintura para surfistas, que, em reconhecimento, encheram seu ateliê de miniboards e funboards, algumas pintadas pela artista e expostas num imenso painel.

A incorporação desse repertório visual – tanto o dos surfistas como o dos youtubers – não significa que, ao se apropriar dos elementos da cultura de massa, Leda persiga uma estética camp. Ela, como diz Miyada, não é paródica nem elegiaca. “A graça desse trabalho é que Leda não julga, aceita o excesso de imagens de nosso tempo, mas não entra nesse turbilhão.”

Superexposta. A artista, que passou um tempo como artista residente na China, ficou impressionada com o vertiginoso ritmo com que os chineses imprimem imagens do mundo todo nos mais variados suportes. “Eles criam até tecidos africanos com a nova tecnologia, o que dá o que pensar sobre nosso mundo visualmente saturado de imagens.” Duas dessas reflexões, *Ásia 1* e *Ásia 2*, se destacam na exposição, entre obras que saíram diretamente da observação direta em campo ou das redes sociais na internet.

Uma delas foi baseada numa modelo real, ex-funcionária da galeria de arte que comercializa o trabalho de Leda, a Fortes Vilaça. A moça, tímida na vida real, é a rainha do selfie na internet. Sua imagem, multiplicada, faz refletir sobre a uniformização cultural que tomou conta do globo e a superexposição em redes sociais de pessoas vulneráveis e reservadas que adotam uma persona para sobreviver em sociedade.

Por fim, uma pesquisa no Google cruzando as palavras sexo e romance renderam outra obra (*I Love You So Much*) em que casais trocam beijos afetuosos e juras de amor, ampliando o repertório kitsch de Leda.

LEDA CATUNDA

Instituto Tomie Ohtake. Rua Coropés, 88, tel. 2245-1900. 3ª a dom., 11h/20h. Abertura hoje (10), às 10h. Até 15/1.

Música

Brasileiro transforma ‘O Sétimo Selo’ em ópera

Adaptação do filme de Ingmar Bergman feita pelo compositor John MacDowell estreia em NY nesta quinta, 10

Thiago Mattos
Danielle Villela

ESPECIAL PARA O ESTADO
NOVA YORK

O cultuado filme *O Sétimo Selo* virá ópera pelas mãos de um brasileiro. A adaptação musical da obra-prima do cineasta sueco Ingmar Bergman estreia nesta quinta-feira, 10, pela International Brazilian Opera Company (Iboc), sob o comando de João MacDowell, responsável pela composição e direção artística da ópera.

Em duas únicas apresentações, *O Sétimo Selo – Ópera* canta o primeiro ato do filme e mostra o retorno das Cruzadas do cavaleiro Antonius Block (Nelson Ebo, tenor) e sua disputa com a Morte (Olga Bakali, soprano) em um jogo de xadrez. A apresentação para orquestra de câmara conta

com sete cantores solistas e um coro de 16 vozes, além de cinco instrumentistas, sob regência do maestro brasileiro Néviton Barros. Também já faz parte das comemorações do centenário do cineasta sueco, em 2018 – quando será apresentada a ópera com o texto do filme completo em três atos.

“*O Sétimo Selo* é o texto mais importante dos últimos 100 anos para os suecos. É o grande filme operístico da obra de Bergman, uma história arquetípica com personagens maiores que a vida”, afirma MacDowell, que fez residências artísticas em Bergman Estate, na ilha de Fårö, onde o cineasta viveu de 1967 até sua morte, em 2007.

“Tive acesso aos manuscritos e textos que Bergman escreveu, pude trabalhar na mesa onde ele trabalhava. Quando propus escrever uma ópera baseada em um de seus filmes em 2014, a Fundação Bergman escolheu *O Sétimo Selo*”, diz o compositor que estreia sua quinta ópera em Nova York, onde já apresentou trabalhos como *Tamanduá – Uma Ópera Bra-*

sileira e Flores de Plástico.

O diretor executivo da Fundação Bergman, Jan Holmberg, tem altas expectativas com o resultado final do trabalho de MacDowell. “É absolutamente fantástico que o filme mais famoso de Bergman seja agora transformado em ópera. Essa adaptação tem uma importância tremenda”, afirma também Holmberg, destacando que esta não é a primeira vez que um roteiro do cineasta sueco é musicado. “Já existem óperas em alemão e inglês do filme *Persona* e a Ópera Nacional Finlandesa vai apresentar em setembro de 2017 a ópera *Sonata de Outono*. Também há uma produção anglo-americana da ópera *Fanny e Alexander* em andamento.”

Na ópera *O Sétimo Selo*, MacDowell opta por manter todo o texto cantado em sueco arcaico, conforme o original de Bergman, e vê na manutenção do idioma uma reverência ao cineasta. Para a empreitada, o compositor contou com a colaboração do dramaturgo Bengt Gomér e da atriz Sophie Sorensen, ambos suecos, para ajudar os solistas de diferentes nacio-



NAN MELVILLE/Divulgação

MacDowell. Responsável pela direção artística da ópera com texto cantado em sueco arcaico

nalidades com o idioma. “O sueco é muito dominado pelas consoantes e tem sons difíceis de reproduzir”, diz ainda Sophie. “Mais do que com a pronúncia em si, precisávamos encontrar um equilíbrio que permitisse que os solistas cantassem e interpretassem com naturalidade.”

Embora a música ganhe profundidade com a orquestra e as vozes, a dimensão dramática da ópera ainda está sendo desenvolvida e a encenação dos cantores acontece de forma discreta nas primeiras apresentações.

Para contar a história do ca-

valeiro medieval em seu embate com a Morte, MacDowell arranja sua ópera a partir do famoso canto gregoriano *Dies Irae* – hino já utilizado por compositores como Mozart e Verdi – e incorpora uma linguagem musical harmônica, que mistura o tradicional e o contemporâneo. Os arranjos para a ópera foram elaborados para uma orquestra sinfônica completa, mas as apresentações do primeiro ato em Nova York trazem uma versão reduzida para piano, violino, violoncelo, trompete e percussão, em que o compositor insere elementos

da música brasileira, como pandeiro, chocalho e pau de chuva.

A apresentação de *O Sétimo Selo – Ópera* ocorre na Scandinavia House e é precedida de uma conversa aberta com os músicos sobre a dramaturgia de Bergman. Ao longo do jubileu dos 100 anos de Ingmar Bergman em 2018, João MacDowell quer levar o espetáculo para outros lugares. “Seria muito importante levar para o Brasil porque é uma missão da International Brazilian Opera Company criar oportunidades de colaboração internacional para artistas brasileiros”, acrescenta.